



Apresentação

Ivã Carlos Lopes*
José Américo Bezerra Saraiva**

Uma questão levantada por Jacques Fontanille no estudo que encabeça o sumário desta edição dos *Estudos Semióticos* atravessa as indagações partilhadas por muitos de nós, semioticistas, nesta época tão singular que estamos vivendo: em que medida ainda é o caso de se diferenciar a pesquisa fundamental da pesquisa aplicada? Sempre se soube que uma não vai sem a outra. No momento, porém, em que o próprio avanço econômico passa a depender cada vez mais dos progressos do conhecimento científico e tecnológico, as solicitações ao universo da pesquisa trazem sobre esta pressões crescentes, em um cenário de rápidas mudanças assinaladas, decerto, na tecnociência, mas também e sobretudo no equacionamento de pontos problemáticos do mundo globalizado de hoje, tais como o desenvolvimento sustentável, os direitos humanos, o acesso às fontes primárias de energia, à saúde e à educação, o impacto dos novos hábitos no cotidiano do homem comum e assim sucessivamente. Ora, esses problemas reclamam sempre o envolvimento das ciências do homem e da sociedade; a semiótica, sendo uma delas, passa a ser cada vez mais interpelada para contribuir na sua compreensão. Segundo o estudioso francês, essa evolução convida o semioticista a situar sua intervenção no nível de pertinência das práticas e interações sociais, o qual, em virtude de sua abrangência, contém dentro de si os demais patamares (signos, textos, objetos etc.). Não se trata simplesmente, observa ele, de estender os estudos de semiótica aplicada a uma miríade de novos casos, mas, diante do notável incremento de complexidade dos desafios sociais, de visar a uma meta mais arrojada: a criação de uma semiótica à altura de semelhantes desafios, que o arcabouço teórico da disciplina, herdeiro de décadas anteriores, desconhecia. Seria essa a condição para que a semiótica possa de fato continuar a participar, no presente e no futuro próximo, do diálogo das ciências do sentido entre as quais ela se inscreve.

Com meio século de intervalo, Claude Zilberberg volta a ler o famoso soneto "Les Chats" [Os Gatos], das *Flores do Mal*, de Charles Baudelaire. Sua leitura presta homenagem, como não poderia deixar de ser, à análise do poema empreendida no início dos anos 1960 por ninguém menos que Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss, testando, contudo, outras noções quanto à sua operacionalidade descritiva. De fato, se entre outras coisas Jakobson e Lévi-Strauss demonstravam, em sua interpretação, o alcance analítico da metáfora e da metonímia, hoje Zilberberg põe à prova, ao percorrer o texto baudelaireano, a articulação dos valores de universo, resultantes do cruzamento de uma fraca intensidade com uma grande extensidade, por um lado, e dos valores de absoluto, conjugando forte intensidade e pequena extensidade, por outro. Vale, portanto, como investigação da capacidade de análise de tais conceitos, constituintes das bases do esquematismo tensivo, que no soneto de Baudelaire vêm à tona ao cabo de um trabalho de leitura, embora breve, ainda assim original e profundo. Vale, ademais, para que se tome a medida do quanto se tem metamorfoseado, desde a época áurea do estruturalismo nas ciências humanas, a teoria semiótica e, com ela, a ferramentaria da descrição e do método.

Sucesso de vendas, incluída na trilha sonora de uma telenovela quando de seu lançamento, em 1977, a canção "Sonhos", de autoria de Peninha, seria regravada por outros intérpretes nos anos seguintes, até merecer um arranjo assinado em 1982 por Caetano Veloso, que a incluiria em seu álbum *Cores, Nomes*. Cotejando a gravação original de Peninha com a de Caetano, o estudo de Regina Machado e Clenio de Moura Abreu começa por desvendar, na composição, as formas da integração de melodia e letra, para a seguir realizar uma fina leitura dos comportamentos vocais de cada cantor, em sua maneira de interpretar a mesma peça cancional. Trabalho típico de quem conhece na

* Editor responsável. Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço de e-mail: lopesic@usp.br

** Editor responsável. Docente pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço de e-mail: jabsaraiva@gmail.com

intimidade o assunto, em teoria e na prática, o artigo de Machado e Abreu põe o aparato musicológico a serviço de um exame mais abrangente das consequências das escolhas de um e outro intérprete para a produção do sentido, bem como para a construção progressiva de uma certa imagem do enunciador de "Sonhos": trata-se, assim, de um trabalho em semiótica da canção realmente, na esteira das propostas de Luiz Tatit, destacando-se por uma especial atenção consagrada aos pormenores, que todo ouvinte pode sentir, mas nem todos podem tão bem explicitar, da interpretação dos cantores.

Em 1969, quando vivia na clandestinidade, Carlos Marighella, um dos principais articuladores da resistência armada à ditadura civil-militar no Brasil, lançou seu *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, livro que circularia em versões reproduzidas por mimeógrafo ou fotocópia e que, não obstante a precariedade da difusão, iria tornar-se conhecido internacionalmente entre os grupos pró e contra essa forma de luta política. Decorrido quase meio século, o artigo de Oriana Fulaneti, recortando o intervalo entre 2010 e 2016, seleciona e comenta alguns dos numerosos ecos que ainda se ouvem da recepção do manual; hoje, estes se podem consultar em língua portuguesa na internet, manifestados em todo um leque de gêneros envolvendo páginas do Facebook, verbetes de enciclopédia, reportagens, artigos de opinião, entre tantos outros. Um farto intertexto se vai assim formando, com enunciadores extremamente díspares e marcados por incisivas escolhas sancionadoras; quer se remeta à obra de Marighella para elogiá-la, quer para desaprová-la, os juízos compartilham, na imensa maioria, a inflexibilidade característica dos valores de absoluto, sem abrir espaço para argumentação alternativa, o que comprova que, perto de cinquenta anos mais tarde, as cisões ideológicas em cujo contexto o manual havia sido escrito ainda estão longe de qualquer possibilidade de conciliação.

É também de triagens e misturas que nos fala Alexandre Marcelo Bueno, ao pôr em tela um texto do tempo do Brasil Império (1875), *Theses sobre a Colonização do Brazil*, de autoria de Menezes e Souza, que nos estertores do regime escravista discorre sobre as vantagens e desvantagens de se admitir, em nossas terras, este ou aquele contingente de trabalhadores imigrantes, a depender de sua origem. Ao falar de alguns povos da Ásia (chineses, indianos) e outros da Europa (antes de tudo, o alemão), Menezes e Souza arrola uma série de motivos para declarar suas preferências; Bueno demonstra, lançando mão da conceitualização tensiva, que o autor estudado acaba desenhando valências inversas em ambos os casos. Se, sob um ponto de vista biológico, o alemão é pintado como relativamente mais fraco (recessivo

na descendência) e os asiáticos, como mais fortes (dominantes, em termos genéticos), o inverso valeria quanto à "capacidade para o trabalho" e à maior tonicidade dos traços morais. A conclusão não demanda grandes esforços de raciocínio: "Se o imigrante é europeu, ele é bom para o Brasil / Se o imigrante é asiático, ele é ruim para o Brasil". Não deixa de ser instrutivo relembrar como esse tipo de discurso discriminatório se prevalecia de pesquisas ditas "científicas" para cimentar suas inclinações mais tendenciosas. Num período como o atual, de conservadorismo exacerbado, em que os discursos intolerantes e inspirados pelo ódio ganham crescente projeção na sociedade brasileira – grande mídia, televisão, redes sociais e imprensa à frente, deitando mais e mais lenha nessa fogueira –, é oportuna a reflexão, a que nos convida Alexandre Bueno, sobre os traços definidores do nosso racismo na segunda metade do século XIX.

O artigo de Izabela Domingues promove uma reflexão acerca das estratégias de disciplinamento do consumidor pela linguagem publicitária no século vinte. Mediante a análise de três propagandas televisivas, a autora descreve como as táticas preferenciais da comunicação midiática propulsora do consumo de massa disciplinam o consumidor, sobretudo pela construção de identidades individuais e sociais via identificação com celebridades, empresas, marcas, produtos: modelos, enfim, apresentados como desejáveis pela mídia para a população em geral. Para a autora, é pela tática do adestramento que a mídia infunde no consumidor a necessidade de autocontrole para a perfeita submissão aos hábitos e às normas correspondentes àqueles modelos. Além disso, Izabela postula que o risco da mistura ameaçadora da identidade numa sociedade globalizada, juntamente com o medo de não pertencer a modelos de comprovado sucesso midiático, amplamente disseminados e internalizados pelos sujeitos, tem sido amplamente utilizado pela mídia para posicionar marcas, produtos e serviços como provedores da segurança tão almejada por todos.

Dayane Celestino de Almeida volta-se para a questão do estilo com o objetivo de identificar a autoria de textos no discurso forense, sem desprezar o fenômeno laboviano da variação intrafalante, dependente de fatores como tema, situação, destinatário, registro, gênero textual etc. Trata-se de encontrar elementos que não variam ou variam pouco para que o efeito de estilo possa consolidar-se. Para isso, recorre à semiótica greimasiana. À luz dessa teoria, supõe que os elementos de conteúdo capazes de fornecer indícios da autoria de um texto, de um estilo de dizer, de uma dicção particularizante, devem ser garimpados nos níveis mais abstratos do percurso gerativo do sentido para que se possa minimizar a interferência da variação intrafalante, muito atuante nos níveis

mais complexos e concretos. A fim de dar sustentação estatística à análise, a autora lança mão de um experimento que consiste na extração de dados, seguindo *scripts* desenvolvidos em linguagem de programação, a partir de um *corpus* organizado por ela.

O artigo de Renata Tomaz parte da análise de comentários de internautas sobre uma reportagem do *Programa Domingo Espetacular*, da Rede Record, com a MC Melody, cantora *funk* de oito anos de idade. A análise mostra que a indagação: “criança pode cantar e dançar *funk*?” motivou respostas variadas, diretamente vinculadas a certas concepções de infância. Boa parte das respostas, de tom reprovativo, indicativas de que Melody estava perdendo ou tendo sua meninice roubada, evidencia-se diretamente ligada a um modelo idealizado de infância brasileira moderna, segundo a qual a criança tem lugar e comportamento próprios nas relações sociais, que devem ser preservados. Outras respostas fazem eco ao que a autora chama de infância vigente, concreta ou sobrevivente, gerada das fricções entre a infância situada, tal como ela se apresenta nos seus condicionamentos sócio-históricos e culturais, e as altas aspirações burguesas de uma infância modelar. Uma terceira concepção, mais atual, que sustenta outras tantas respostas dos comentadores é a infância emergente, em que a criança é vista como sujeito de direito, indivíduo interlocutor da cultura contemporânea e consumidor, dono de vontade e capaz de assumir posicionamentos em função das demandas que o cercam.

Dois dos textos aqui publicados apresentam como ponto de intersecção a poesia concreta. O primeiro deles, de Henrique Julio Vieira e Evelina Hoisel, trata de um fenômeno acadêmico que ganhou corpo e se fortaleceu na década de 1960: o surgimento do escritor/intelectual multiversado, cuja escrita criativa caminha lado a lado com a atividade docente em instituições de ensino superior e a produção de teorias críticas. Os autores destacam o artista/intelectual paulista

Décio Pignatari como figura brasileira exemplar dessa convergência de aptidões e dispõem-se a analisar os trânsitos entre a sua criação literária vinculada à poesia concreta e a sua atuação acadêmica na área de semiótica. O cotejo das diferentes produções de Décio Pignatari analisadas pelos autores permite-lhes concluir que a estrutura de uma obra artística ou científica, por corresponder à estrutura dos valores da vida de quem a concebe, é sempre bio-grafia, na medida em que é a vida fazendo-se grafar. Rodrigo Bravo, por sua vez, estuda e traduz quatro textos do poeta concreto austríaco Ernst Jandl a fim de mostrar que ele desenvolve uma poesia que faz o leitor refletir sobre as dimensões fonológica, morfológica, semântica e sintática das linguagens verbais. Bravo enfatiza que a reflexão sobre aquelas dimensões constituiu tarefa imprescindível para a tradução de cada poema de Jandl que ele realizou, tendo em vista as inevitáveis adaptações que teve de promover na passagem de uma língua para outra, tanto adaptações lexicais quanto métricas e prosódicas. No entanto, reconhece ao final que em alguns momentos o tradutor de poesia deveria atribuir ao acaso, mais do que ao esforço consciente, os belos achados de uma boa tradução, como se considerável parte do processo de transposição do sentido não passasse de uma feliz coincidência.

Este número da revista fecha 2016, *annus horribilis* que já vai tarde, do qual os brasileiros não havemos de guardar saudade nenhuma. Em especial, o meio da universidade termina o ano sem motivos para qualquer tipo de comemoração; antes, apreensivo diante dos cortes orçamentários e da depreciação da pesquisa que vêm sendo anunciados desde Brasília. Resta resistir e manter, a contracorrente do que se passa hoje na vida política, econômica e social da nação, a determinação do trabalho sério e do avanço sempre para a frente, pois na pesquisa semiótica há ainda tanto por se construir. ●